

ELVIRA PINHO

(A Odilon Benévolo, sobrinho dileto de Elvira Pinho, de quem herdou a fibra combativa e o caráter incorruptível).

CÂNDIDA MARIA SANTIAGO GALENO

Há por aí uma assertiva, segundo a qual as mulheres virtuosas não têm história, como se a nossa história estivesse condicionada à nossa fraqueza. A vida da nossa homenageada põe irremissivelmente por terra esta afirmativa, desde que, na sua longa existência, toda ela cheia de atividade construtiva e de dedicação extraordinária, não lhe sobrou tempo para se entregar à divina fraqueza do coração — o amor!

Em toda a sua vida, dos anos tenros da juventude aos cálidos anos da mocidade e mesmo à quadra refletida e sensata da idade madura, não se ouviu, sequer, um chilreio de amor a por um ar de festa no seu coração; jamais a asa leve e irisada desse sentimento egocêntrico, que só nos faz ver à roda o ser para o qual ele nos leva, riscou de leve o céu da sua alma. Mas como diz Gabriel Aubry, “se todas as mulheres não nasceram para o casamento, todas são destinadas para essa grande e infinita maternidade que se chama dedicação”. Assim, aproveitou ela o potencial afetivo que dorme no coração de toda mulher, empregando-o num amor mais largo, menos exclusivista — o amor do próximo.

É ele que vemos impregnar as suas ações, quando se entrega à campanha abolicionista, e que ressalta dos seus atos, quando toma a iniciativa de socorrer os flagelados da seca de 1915.

Nenhuma vida, portanto, foi mais referta de atividade produtiva e de dedicação abnegada do que a de Elvira Pinho, e, entretanto, toda ela alicerçada na virtude. Daí porque acho que as próprias mulheres honestas têm a sua história. Ouçamos, pois, a de Elvira Pinho.

NASCIMENTO — FILIAÇÃO — PRIMEIROS ESTUDOS

Nascida em Maranguape em 12 de julho de 1860 e tendo por pais Reginaldo Benévolo Ferreira de Pinho e Eugênia Correia de Pinho, fez ela os seus primeiros estudos naquela cidade com a Professora Martiniana de Paula Tavares Coutinho. Em 1872, perdia os pais, tendo a sua tia Maria Correia do Amaral mandado buscá-la, matriculando-a no Colégio da Imaculada Conceição, onde foi das primeiras alunas que ali ingressaram, o que se verificou em 2 de fevereiro de 1873. Nesse Colégio concluiu o curso, muito contribuindo para a sua educação a sua madrinha, Viscondessa de Cauípe, de lá saindo em 8 de dezembro de 1877. Passou então a ser auxiliar do Colégio Santa Rosa de Lima, dirigido por suas primas Júlia e Judite Amaral.

RAZÃO DE SER ELA PINHO E OS IRMÃOS BENÉVOLO

O pai de Elvira Pinho, o Tenente-Coronel da Guarda Nacional, Reginaldo Ferreira de Pinho, achava bonito o nome de Benévolo e passou a usá-lo — Reginaldo Benévolo Ferreira de Pinho. Aos filhos deu ele o sobrenome de Benévolo Correia de Pinho, enquanto as filhas ficaram assinando apenas Correia de Pinho.

Quando os irmãos de D. Elvira sentaram praça no Exército deram somente o sobrenome de Benévolo — Jaime Benévolo, que participou do movimento republicano, chegou ao posto de Tenente-Coronel e cujo nome designa uma das ruas de Fortaleza; o General Francisco Benévolo — que além de musicista e compositor era também matemático profundo, e Odilon Benévolo, que morreu no posto de Tenente.

Enquanto isso, Elvira Eugênia Correia de Pinho que estava aqui no Colégio da Imaculada Conceição e sua irmã Eulina, eram chamadas apenas pelos primeiro e último nomes — Elvira Pinho, Eulina Pinho e assim foi ficando desde que entre os seus irmãos residentes no Rio e elas no Ceará não houve nenhuma combinação para usarem todos o mesmo sobrenome. Ficaram assim os irmãos com o sobrenome de Benévolo e as irmãs com o de Pinho.

VIDA PÚBLICA

Em 1882, no Governo do Dr. Sancho de Barros Pimentel e por solicitação do General Tibúrcio Ferreira de Sousa, que era seu parente, foi Elvira Pinho nomeada Professora primária da Capital, assumindo uma cadeira especialmente criada para ela. Tão bem se houve no desempenho da sua função, que foi eleita pelo Professorado da Capital, Membro do Conselho da Instrução Pública em 1884,

estando entre os Professores que a elegeram os ilustres Tristão Spinoza e Tomás de Carvalho.

Em 1892, foi nomeada pelo Dr. Benjamim Barroso, então Presidente do Ceará, adjunto do Curso Preparatório da Escola Normal, passando a ministrar gratuitamente neste curso lições de música, à espera de que fosse criada a cadeira desta disciplina, o que se verificou em 1893, tendo ela sido nomeada para a mesma no ano seguinte, pelo Presidente Dr. José Freire Bezerril Fontenele.

Em 1913, quando era Presidente do Ceará o Cel. Marcos Franco Rabelo, foi D. Elvira nomeada Diretora da Escola Normal, sendo a primeira mulher a ocupar tal cargo, em que permaneceu pelo breve lapso de três meses, dada a intervenção federal que sobreveio, tendo ela pedido demissão de Diretora para continuar na sua cadeira de música, da qual só se aposentou em 1919, após 37 anos de magistério público.

Bem haja, pois, o gesto merecedor de todo o nosso aplauso com que o Secretário de Educação e Saúde, Dr. Filgueiras Lima, coroou uma tão longa vida de magistério, dando às Escolas Reunidas da Praia de Iracema e nome de Elvira Pinho.

Foi esta, pois, a vida pública da nossa homenageada, sem turbilhões nem temporais, iluminada aqui e acolá pelo clarão compensador do reconhecimento do seu mérito, como quando foi nomeada Diretora da Escola Normal ou Membro do Conselho da Instrução Pública.

OBRAS DE ALCANCE SOCIAL QUE EMPREENDEU

A época em que a vida de Elvira Pinho assume, porém, aspecto inédito é quando ela se entrega com afã e entusiasmo às obras de alcance social, mormente se considerarmos a fase em que ela agiu, quando este aspecto da vida era ainda incompreendido e descurado. Elvira Pinho, trabalhando na campanha abolicionista ao lado de Maria Tomásia, e na de socorro aos flagelados da calamidade de 1915, avançou muito no âmbito estreito em que se circunscrevia então o raio de ação da mulher. Que D. Elvira foi uma ampliadora das atribuições femininas e uma inovadora dos costumes recatados e intransigentes daquela época, estão a atestá-lo estes dois fatos da sua vida, que ela tantas vezes me contou, quando conosco vinha almoçar às sextas-feiras:

— “Naquele tempo, dizia-me ela, mulher não saía só à rua, ainda que fosse já uma senhora de idade, nem sequer para atravessar de um quarteirão para o outro; exigia-se que fosse acompanhada por uma das mucambas, tão abundantes naquela época. Quando o

General Tibúrcio fazia inspeção no Recife, eu ficava fazendo companhia à D. Maricota, esposa dele, na casa onde hoje mora a família Paulo Morais.

Certa feita, D. Maricota quis fazer um trabalho de croché, e não encontrando a agulha, propus-me a ir buscar uma à Loja Amarral, localizada onde é hoje o Astória Hotel. D. Maricota objetou logo: “Mas falta companhia no momento”, ao que eu repliquei que iria mesmo só. E saí, ficando a mulher de Tibúrcio a vigiar-me do postigo. Ao entrar desacompanhada na loja, foi uma admiração! O meu parente Laurindo Souto Maior foi logo perguntando: “Com quem veio você?” Ao que eu respondi: “Sozinha!” Receso de que me pudesse acontecer algo ao voltar para casa, distante dali apenas dois quarteirões, não obstante ser pleno dia e estarem as ruas cheias de transeuntes, Laurindo forneceu-me, além da agulha que eu fora buscar, também um apito para, no caso de acontecer-me qualquer coisa, apitar pedindo socorro. Andei com o coração aos pulos os dois quarteirões, e quando entrei em casa ainda D. Maricota estava ao postigo, a aguardar-me ofegante”.

Era a primeira vez que uma mulher saía só à rua em pleno dia, como foi também ela quem o fez sozinha à noite, pela primeira vez, o que veremos neste outro episódio do tempo do movimento abolicionista de 1884, quando D. Elvira era a secretária da “Sociedade das Senhoras Libertadoras”, acompanhando sempre a Maria Tomásia, eminente propagandista, e ainda a Carolina Cordeiro, Eugênia Amaral, Sinhá Martins, Francisca Cruz e outras. Quando Maria Tomásia tinha que sair a serviço da causa que esposara, mandava chamar Elvira Pinho para servir-lhe de companhia, e as duas ficaram sendo companheiras inseparáveis. Certa vez, precisou Maria Tomásia de sair à noite para ultimar um caso de alforria. As duas abolicionistas foram andando pelas ruas, dentro da noite, que magnífico luar então aclarava. (Naquele tempo, nas noites de luar, não havia iluminação; dizia-se até que o Governo fizera contrato com a lua). As duas foram andando e, ao chegarem à primeira esquina, ouviram o estrugir de foguetes partidos do jornal *O Libertador*, que funcionava na Rua Major Facundo. Fundado por João Cordeiro e outros abolicionistas, “O Libertador” propugnava numa luta de vida e de morte em favor da libertação dos escravos, o que conseguiu tornar realidade em 25 de Março de 1884. Maria Tomásia não pôde resistir ao desejo de ir até lá, para saber de que se tratava. (Ah! a tão apregoada curiosidade feminina venceu de pronto preconceitos e tudo!) E seguiram. D. Elvira não participava, contudo, da curiosidade da companheira, e foi de má vontade. Em lá chegando, aproveitou-se do momento em que Maria Tomásia estava toda absorvida, para a deixar no jornal e abalar para a casa do General Tibúrcio que, muito admirado de vê-la sem companhia, àquela hora, e naque-

las alturas, interpelou-a, surpreendido, de onde vinha, ao que ela explicou a causa motivadora do giro noturno, acrescentando: "É a primeira vez que eu ando sozinha à noite". (Ao que eu acrescento: era a primeira vez que uma mulher andava à noite sozinha). Maria Tomásia, vendo-se só no jornal, ficou desapontada e saiu à procura de D. Elvira e, ao encontrá-la, quis levá-la de volta, tendo D. Maricota, esposa de Tibúrcio, mandado um soldado à casa da passeante para cientificar a família do seu paradeiro e previni-la de que ela dormiria àquela noite em sua casa.

Era assim, naqueles bons tempos das nossas avós: sair à rua sozinha era uma inovação tão escandalizadora, como em nossos dias e nos nossos meios provincianos o é uma mulher fumar em público ou se sentar a beber num "bar".

GRATIDÃO A D. MANUEL

Das atuações de sua vida, a em que D. Elvira falava com mais carinho era a referente à seca de 1915, em cujo quadro doloroso de miséria e de fome a sua figura de mulher, extraordinária de empreendimento e de ousadia, ocupou o primeiro plano, mas em cuja paisagem desoladora a generosidade e o desprendimento do nosso então Arcebispo, D. Manuel da Silva Gomes que, sem ser cearense, tanto fez pelos nossos irmãos flagelados, deram pinceladas de rara fulguração na tela cinzenta e crestada daquele painel sombrio. Examinando o álbum que ela organizou com fotografias dos trabalhos, cartas e cartões que lhe foram endereçados, com solicitações de empregos para protegidos e anotações do seu próprio punho, confortou-me ver que D. Elvira fez justiça à dedicação de D. Manuel, quando li a carta que escreveu ao jornalista Paulo Sarasate, em 26 de abril de 1942, após ter saído n' "O Povo" uma reportagem minuciosa da sua atividade naquele flagelo climático de 1915. Eis o texto da mesma, escrito por ela própria, no referido álbum:

"Prezado amigo Paulo Sarasate — Venho agradecer a publicação do meu trabalho da seca de 1915. Mas quero elevar aqui um nome, merecedor de muita gratidão: D. Manuel da Silva Gomes, que foi ao Rio, S. Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul, pedir socorro para o Ceará. Quando voltou, eu fui com minha amiga Dondom Paula Rodrigues mostrar-lhe as despesas e as fotografias do Tauape. O dinheiro da nossa subscrição tinha que se acabar. D. Manuel, aplaudindo a idéia do trabalho, começou a dar por semana a folha de trabalhadores que dia a dia aumentava. D. Manuel mandou também fazer trabalhos, como estrada de Maranguape ao Trapiá, consertar um açude em Maranguape e outros trabalhos. Assim, pelo Ceará de 1915 sejamos gratos a D. Manuel da Silva Gomes. Elvira Pinho".

EDUCADORA TODA A VIDA

Verifiquei que, também fora do âmbito da escola, D. Elvira foi educadora, ao conhecer o seguinte fato. Diz-nos ela:

“Fortaleza estava cheia de flagelados, vindos do Rio G. do Norte, da Paraíba e de Pernambuco. O Governo Federal mandava socorros. Por iniciativa própria, procurei socorrer os flagelados com a importância de 3.700\$000, que sobrara das manifestações ao Cel. Marcos Franco Rabelo. Falei com o Presidente Benjamim Barroso, oferecendo-me para auxiliar de algum modo, ao que êle respondeu não poder dar trabalho pois o dinheiro que o Dr. Wenceslau Braz mandava era para dar de - comer. “E não se pode dar de comar dando trabalho?” arrisquei eu... “Êste povo não quer serviço; dali mesmo do Passeio Público irá embarcando”, respondeu-me ele. — “Ora, Sr. Presidente, vamos ver se educamos este povo!” (Educadora ainda em se tratando de retirantes). “Eu tenho uma pequena quantia, vamos experimentar”. O Dr. Benjamim, apertando-me a mão, disse-me: ‘Seja feliz na sua empresa’. Sai dali, e logo encontrei um pobre flagelado, que preferiu a labuta à ociosidade, tendo deixado a família debaixo de um cajueiro. Levei-o a casa, dei-lhe pão, café e uma enxada, seguindo com ele para o Grupo Escolar da Praça Fernandes Vieira, cujo jardim estava coberto de mata. Queria começar o meu empreendimento por um prédio público, a ver assim se o povo queria esforçar-se. Apareceram logo mais outros pedindo serviço e, no dia seguinte, às 5 1/2 horas, ao abrir as janelas de minha casa, 15 homens levantaram-se pedindo, ao invés de esmola, trabalho pelo amor de Deus.

Convenceu-se afinal o Dr. Benjamim Barroso de que o povo queria trabalhar, e deu também algum auxílio, principalmente o incentivo moral das suas visitas à construção”.

Eis como *O Povo* de 4 de agosto de 1915 lhe elogia a iniciativa: “Queremos apontar um exemplo digno de imitação, qual o da Exma. Sra. Elvira Pinho que, portadora de espórtulas para os pobres, as distribui, instituindo o trabalho. As beneméritas “Damas da Caridade”, as “Sociedades Vicentinas”, bem como o Governo do Estado, devem imitar a ação nobre e edificante dessa mulher heroína — D. Elvira Pinho”.

No seu álbum da seca de 1915, encontrei de Monte Arrais a seguinte valiosa opinião: “A leitura da documentação que enfeixa este álbum demonstra quanto o espírito da mulher brasileira, sublimado pelos sentimentos da caridade, se eleva em capacidade intelectual acima das aptidões do sexo oposto na construção de obras de alcance social. Os trabalhos projetados e realizados sob a direção da Exma. Sra. D. Elvira Pinho em 1915, tendo por móvel altruís-

tico socorrer os nossos conterrâneos famintos, representa um duplo milagre da bondade e do alto grau de firmeza dos propósitos em que, a despeito da insuficiência de recursos, o espírito de ordem, impulsionado pelo bem, multiplica os valores no domínio econômico, convertendo o mínimo de salário no máximo de produção. O conhecimento do conteúdo deste álbum, que se deveria destinar aos arquivos do Estado, confundiria muitos daqueles que, à frente da administração pública, reduzem a sua missão ao simples papel de usufruidores das prerrogativas dos cargos, e ao mesmo tempo constituiria uma alta lição ministrada ao civismo dos que não são insensíveis aos exemplos de seu dignificante patriotismo. A dedicação de D. Elvira Pinho está, pois, a exigir de todos os cearense contemporâneos e pósteros uma atitude de justificada veneração. Monte Arrais. Fortaleza, 19 de junho de 1930”.

Jurandir Picanço escreveu também, naquele mesmo álbum, esta tão bela quão significativa lenda: “O trabalho de D. Elvira Pinho, a mãe espiritual dos flagelados de 1915, é uma grande lição de caridade, de assistência social e de patriotismo. E a sua vida de heroísmo, de pensamento e de cultura é uma honra para o Ceará. Dr. Jurandir Picanço. Fortaleza, 1.º de março de 1944”.

Assim, em todos os movimentos de finalidade social estava D. Elvira a tomar parte. Por isso, ainda antes de funcionar o Leprosário Antônio Diogo, ela já dava audições de piano com as suas alunas em benefício dos pobres leprosos do Morro do Moinho, promovia exposições de roupinhas feitas por elas, de amostras de fazenda e leilões de prendas adquiridas com “coupons” de bonde, cujo resultado revertia para os pobres, enquanto as alunas que concorriam com o seu trabalho ficavam com a magnífica lição de caridade que dele lhes adivinha.

A PIANISTA DE MÉRITO — O RECREIO MUSICAL — O “COMPÊN-DIO DE TEORIA MUSICAL”

Elvira Pinho era uma pianista de mérito e o Ceará também muito lhe deve no que concerne à evolução da arte musical no nosso meio.

Nomeada adjunta do Curso Preparatório da Escola Normal pelo Presidente Benjamim Barroso em 1892, ofereceu-se ela para ministrar gratuitamente lições de música na expectativa de que se criasse a cadeira desta disciplina.

Sempre desejosa de progredir na sua arte, segue ela para o Rio em 1893 no intuito de aperfeiçoar os seus conhecimentos musicais, o que conseguiu frequentando o Curso de Especialização de Teoria Musical do Maestro François Guillot. Regressando do Rio viu Elvira

Pinho o seu tão afagado sonho transformado em realidade com a sua nomeação a 7 de junho de 1894, pelo Dr. José Freire Bezerril Fontenele, para a cadeira de música da Escola Normal.

A sua atividade em prol do desenvolvimento da divina arte não se circunscreveu, contudo, às arduas lides do professorado público — além de um curso particular de piano que ministrava em sua própria residência, fundou ela um curso de música a que deu o nome de “Recreio Musical” e no qual congregou os melhores musicistas e amadores daquela época. Que mágico encanto não difundiu naquelas noites distantes da Fortaleza de 1898 os serões musicais do “Recreio” onde as sensibilidades artísticas de Oscar Feital, Iaiá Meton, Irmãs Uchoa, Verçosa, Júlio e Paulo de Moraes, Luizinha Pacheco, Antônio Benício, Netinha Martins, Eulina Pinho, Albertina, Maria Luísa e Alicinha Maia, Noeme Souto e ainda outros acordavam para os êxtases supremos da música, reunidos numa orquestra que D. Elvira conseguiu organizar com o auxílio do seu irmão também musicista e compositor — o Gen. Francisco Benévolo.

Com o decorrer dos anos, entretanto, os componentes da orquestra foram se dispersando, acossados pelas contingências da vida, uns, arrebatados pela voragem da morte, outros, até que se dissolveu completamente o “Recreio Musical”.

Mas, até depois disto, mesmo aposentada como professora pública, D. Elvira continuou a ministrar as suas lições de piano em casa. Escreveu um *Compêndio de Teoria Musical* que mereceu do consagrado compositor e pianista paulista Sousa Lima, do renomeado maestro e professor Ernani Braga e da professora de orfeão do Instituto Nacional de Música, Ceição Barreto, insuspeitos e valiosos elogios como sendo um livro de que estavam necessitados os nossos meios musicais. Nos seus últimos tempos o sonho mais ardentemente acalentado por ela era a publicação do seu *Compêndio*, o que deixou de realizar à mingua de recursos financeiros.

Assim, foi professora até o fim da vida. Mas a glória que lhe coroou o nome, a consagração que lhe fez o povo, não adveio da sua arte, da sua música, mas das campanhas altruísticas, de finalidade social, em que ela se empenhou. Se D. Elvira tivesse vivido na atualidade, com a pujança da sua mocidade empreendedora, nesta época tão fértil em movimentos sociais e em campanhas reivindicadoras, quão longe não teria ido ela!

ÚLTIMOS ANOS

A luz intensa do meio dia de sua vida, tão cheio de renome e de auréolas, ofuscou a D. Elvira, fazendo-a perder de vista a trilha

da fé que a educação sob os auspícios das Irmãos de Caridade, no recinto amado do Colégio da Imaculada, traçara na sua vida, ainda nos anos da juventude, enlanguescendo ela na prática da sua religião.

Passou, entretanto, a fase de labor intenso... desfez-se aos poucos o fulgor radioso do sol no zênite... desapareceu o entusiasmo fugaz das glórias terrenas... passaram os anos no seu torvelinho insano... avançou o tempo na sua marcha implacável. D. Elvira recolheu-se então à vida privada, no seu lar vazio de celibatária. O sobrinho Odilon, a quem ela criara e educara como filho, vivia no Rio de Janeiro, onde se formara e constituira família, à qual assistia com solicitude afetuosa, solicitude reclamada agora por D. Elvira que já dera tanto de si aos seus e aos outros. Em verdade essa exigência se justificava mais agora que, saindo do ambiente agitado dos meios sociais em que levava a existência e recolhida ao ostracismo da sua vida familiar, encontrara pela primeira vez, em tantos anos, tempo para pensar em si e ver que era já muito tarde para começar, para ter um lar como o de que ela sofria a falta.

Passaram os anos... e um dia, quando já se haviam apagado da sua retina cansada os fulgores merídios, quando emudecido já havia aos seus ouvidos a litania falaz dos louvores e hosanas dos homens o sofrimento lhe bateu à porta e foi pelo braço dele que D. Elvira voltou a encontrar aquela trilha que outrora, na fase doirada da mocidade, perdera. Na igreja da S. Bernardo, Mons. Quinderé recebeu de braços abertos a ovelha tresmalhada, que tanto tempo errara por outros apricos. A graça, descendo em cheio sobre a vida dela, foi orvalho benéfico a rociar a sua alma solitária no desencanto daquela hora amarga, e nesses seus últimos tempos D. Elvira assistia quase que diàriamente ao santo sacrifício da missa. É que, como disse Antônio Sales, ela sentiu necessidade, na velhice, do bastão da fé para nele se arrimar.

* * *

Declinava já o astro rei daquela grande vida e, todavia, D. Elvira sonhava ainda com o aparecimento de uma epopéia humanitária, como a da Abolição, ou de uma tragédia dolorosa, como a de 1915, para patentear ainda uma vez o valor da sua fibra. O com que não se conformava ela era com o retraimento, a inatividade a que a força das circunstâncias a haviam levado. Quantas vezes não a ouvi queixar-se por não ter mais alunos de piano, de pensarem que, dada a sua idade, não ensinava mais... É que, com o espírito perenemente jovial que tinha, não queria ela que a julgassem velha, apoiada, sem dúvida, no conceito segundo o qual só é velho quem quer sê-lo. Alimentava-se aquela alma, na hora crepus-

cular da velhice, das fulgurações intensas que lhe haviam ficado do seu meio dia tão cheio de sol e que ainda agora lhe aqueciam as horas. Encontrei, escrito por ela no álbum de autógrafos de minha tia Henriqueta, esta frase de alguém, a qual lhe ecoara tão fundo no espírito, em virtude de traduzir-lhe, quem sabe, a realidade da sua vida: “Quando o presente é cruel, a alma vive do passado”.

Evidentemente, o passado feliz enchia-lhe todo o presente desolado.

ARRANCADA FINAL

Chegou, afinal, o momento por que D. Elvira esperava: a crise econômica em que nos debatemos veio agitar de certo modo o ambiente doméstico e formou-se então a “Sociedade das Donas de Casa”. E ela, que aguardara durante todos esses anos de marasmo, uma oportunidade de batalhar, pôs de pronto a serviço da novel sociedade e sua atividade, disposta a esgotar nele as suas últimas energias. Era a arrancada final daquele espírito admirável de mulher, e na qual ela dispenderia as últimas forças do seu organismo combalido já pela ronda dos anos, que por ela já passara 86 vezes. Quem visse D. Elvira a encabeçar a passeata das Donas de Casa que, em julho de 1946, desfilou pelas ruas de Fortaleza, clamando pela baixa dos nossos gêneros de primeira necessidade, teria a intuição perfeita de que era aquele o seu arranco final.

E foi, efetivamente. Este movimento emprestou, contudo, aos seus últimos dias uma satisfação extraordinária, uma alegria juvenil, um entusiasmo de primeiros anos. É que aquelas aclamações entusiásticas que ela ouviu, ao passar pelas ruas, o seu nome como que a servir de bandeira àquelas senhoras que, incentivadas pelo seu exemplo de fortaleza moral, lhe seguiram as pegadas, reviveram-lhe na memória os dias gloriosos da Abolição e D. Elvira, que em 1884 batalhara pela libertação dos negros do vilipêndio nefando do cativo, clamava, em 1946, pela libertação dos brancos do asfixiante cativeiro econômico. Quebrava-se assim a crosta de gelo que o ostracismo em que ultimamente vivia formara em torno do seu nome, que passou a figurar nas “manchettes” dos jornais da cidade. Era a evidência que voltava a aureolar aquela figura veneranda de mulher, e cercada desse prestígio, e coroada por essa auréola, D. Elvira sentia-se feliz.

E não foi só essa aura de consagração popular a animar os seus últimos dias. Os álgidos dias de inverno da sua velhice tiveram a aquecê-los também um raio de sol confortador — a consideração, a amizade do Interventor Pedro Firmeza, de cujos irmãos ela outrora fora professora. Quantas vezes não a vi, nesses seus últimos dias, radiante de satisfação com as atenções que ele lhe prodigalizava! O

Interventor Pedro Firmeza foi, portanto, com a sua obsequiosidade e o seu afeto, o último raio de sol a dar as derradeiras fulgurações de crepúsculo à paisagem invernãl daquela grande vida, pois como disse Camilo “nas derradeiras horas do coração e da vida é grato ainda sentir-se amado quem já não pode achar no amor diversão das penas, nem soldar o último fio que se está partindo. Orgulho ou insaciabilidade do coração humano, seja o que for, no amor que nos dão é que nós graduamos o que valemos em nossa consciência”.

* * *

TRESPASSE — FUNERAIS — ÚLTIMAS HOMENAGENS

Em 27 de agosto de 1946, após breve enfermidade que a prostou apenas por doze dias, no “Pensionato Eduardo Salgado” falecia D. Elvira Pinho, assistida, nos seus últimos momentos, pela dedicação da família e dos amigos.

Os seus funerais, realizados pela manhã no dia 28 e às expensas do Estado, uma vez que ela era da nossa Abolição uma relíquia histórica, foram uma consagração. O nosso povo, por quem ela tanto batalhara e cujas causas defendera até o fim, desde o Governo até as camadas anônimas da plebe, soube fazer-lhe justiça, embora que muito tarde. Não faltou a completar o quadro funéreo do seu enterramento a expressiva figura de uma escrava centenária que, representando a raça oprimida, a que ela ajudara a libertar, lhe depositou no túmulo, rubras como o sangue rubro dos escravos, papoulas rociadas pelo orvalho cristalino das suas lágrimas sinceras.

A própria Assembléia Nacional Constituinte, na sua sessão de 29 de agosto de 1946, aprovou um requerimento de pesar pelo falecimento de D. Elvira Pinho, da autoria do congressista Paulo Sarate, que fez o panegírico da nossa abolicionista. A “Ala Feminina” da “Casa de Juvenal Galeno” da qual era ela Sócia Honorária, em Sessão Solene realizada a 3 de setembro de 1946 prestou-lhe significativa homenagem póstuma, da qual foi oradora a signatária destas linhas. A Câmara Municipal de Fortaleza votou o projeto segundo o qual uma das nossas ruas tivesse o nome da brava pioneira cearense. O epílogo daquela existência fecunda foi digno da sua protagonista.